

Ulysses quer convocação do Congresso em julho

Brasília — A crise econômica e o estado de saúde do Presidente Figueiredo foram os motivos alegados ontem pelo presidente nacional do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, para justificar a conveniência de uma convocação extraordinária do Congresso, durante o recesso de julho. Sua proposta não recebeu apoio do Presidente da Câmara, Deputado Flávio Marcílio, nem dos líderes do PDS.

No Palácio do Planalto, o Ministro Leitão de Abreu informou, através do porta-voz Carlos Átila, que o Governo não foi consultado a esse respeito, nem via motivos a justificar essa convocação. Átila negou também que o Palácio estivesse ocultando qualquer fato grave em relação à saúde do Presidente. "O que há mais é um exagero de especulações", afirmou.

Convocação

Com a ressalva de que se tratava de uma iniciativa pessoal e não do Partido, Ulysses Guimarães defendeu, em entrevista no Congresso, a ideia da convocação extraordinária. Além dos problemas econômicos, alegou que "há, ainda, a doença do Presidente, fato que, somado aos demais problemas, justifica plenamente que o Congresso se mantenha atento nesse período".

Flávio Marcílio surgiu como o primeiro opositor da tese entre os congressistas, afirmando não ver necessidade para a convocação, por considerar a crise de natureza econômica. Disse que não dispunha de informações suficientes para admitir um pedido de licença do Presidente em razão de problemas de saúde. O que sabia era que Figueiredo aproveitaria sua viagem ao Japão, em setembro próximo, para fazer um **check-up**.

O líder do PDS na Câmara, Deputado Nelson Marchezan, foi outro que se opôs à ideia de convocação do Congresso. Ele disse que estivera, no dia anterior, com o Ministro Leitão de Abreu, chefe do Gabinete Civil, e este nada lhe informou a respeito desse assunto. Pelas informações que tinha não considerava o Presidente doente ao ponto de ter que se submeter a uma cirurgia. "Se ele tiver que se afastar para se submeter a exame, não haverá razão para intranquilidade, pois ele se afastará pelo tempo de uma viagem ao Japão e, além disso, possui um Vice-Presidente afinado com as suas diretrizes", afirmou Marchezan.

Sucessão

Depois de negar a necessidade de qualquer emergência em relação ao

estado de saúde do Presidente, o Secretário de Imprensa da Presidência da República, Carlos Átila, admitiu que o PDS viria a suspender a campanha sucessória, caso Figueiredo tivesse de se licenciar do cargo. "Mas isso faria parte do pressuposto de que a decisão (sobre a licença) fora tomada, o que não foi feito até agora e eu não tenho indicações de que o presidente vá tomar", ressaltou o porta-voz.

Durante mais de meia hora, ele se submeteu a uma sequência de perguntas dos jornalistas que queriam saber da verdade sobre a saúde de Figueiredo. A uma pergunta sobre se o Presidente era rebelde à ideia de tratamento, Átila respondeu irritado:

— Eu não sei, porque eu não sou médico dele.

Negou que Figueiredo tivesse-se irritado com o noticiário sobre sua provável ida a Cleveland, para decidir sobre uma cirurgia ponte safena.

— Ele perguntou no primeiro e segundo dias das notícias, mas depois não falou mais nada a respeito.

— Mas é verdade que o Presidente se tem queixado de dores?

— Ele não me disse que tivesse sentido dores, nem os médicos deles também me falaram a respeito.

Átila esclareceu, em seguida, que o Palácio do Planalto reconhece que o Presidente tem o problema coronário, como também reconhece que ele, por recomendação dos seus próprios médicos, deve submeter-se a revisões periódicas. "O que se contesta, afirmou ele, é a versão de emergência, porque isso depende de uma decisão dele, Presidente. E se ele não quis ainda tomar essa decisão é porque entende que haja coisas mais prementes, no momento. E é também uma prova de que não está se sentido doente", disse.

Contatos

No início da noite, a pedido de um repórter, Átila levou ao Ministro Leitão de Abreu uma pergunta sobre se o Governo já havia recebido alguma consulta da liderança do PDS sobre proposta de convocação extraordinária do Congresso.

Leitão, segundo relato de Átila, disse que desconhecia o assunto. Em seguida pegou o telefone e ligou para o líder Nelson Marchezan, que havia saído para um jantar. Ligou então para o líder no Senado, Aloísio Chaves, que lhe respondeu que tinha recebido uma consulta do Senador Fábio Lucena (PMDB-AM). Em resposta disse-lhe que não via motivos para a convocação.